



O lixo acumulado denuncia o pouco caso do poder público.



OTEC A

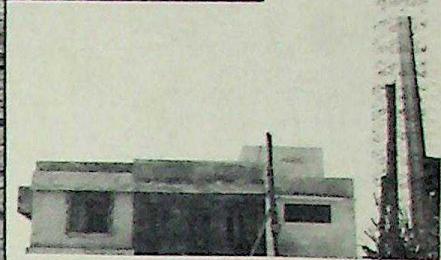
Nome: A. Kande

Data: 25/04/92

Página: 8

Assunto: O AMBIENTE

Assinatura: [assinatura]



As invasões de "colarinho branco" também infestam a área.

Criado há 12 anos, o Parque do Abaeté nunca saiu do papel. E, enquanto mais uma comissão é criada para discutir medidas de proteção do nicho ecológico, a devastação se alastra aceleradamente — agravada pelo déficit habitacional —, ameaçando soterrar a lagoa.

Há várias semanas, o secretário municipal de Terra e Habitação, Geraldo Tavares, tem sobre a sua mesa de trabalho, num prédio situado no Largo de Roma, um problema de difícil solução. Ele preside uma comissão especial designada pelo prefeito Fernando José para encontrar alternativas visando à recuperação do Parque Ecológico do Abaeté.

Criado há 12 anos, o parque nunca existiu de fato. Pelo contrário, em pouco mais de uma década, a degradação da área apenas se acentuou. O trabalho da comissão parece estar longe da solução ideal, embora as questões ecológicas ganhem destaque com a proximidade da realização da Rio-92, a conferência da ONU para debate internacional sobre o meio ambiente.

É indispensável, portanto, identificar até que ponto a atuação dessas comissões vai apresentar resultados concretos, na direção desejada. A comissão constituída pelo prefeito Fernando José é formada por representantes das secretarias municipais da Ação Social e de Terra e Habitação, assim como da Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município (Sucom), do Centro de Planejamento Municipal e Procuradoria Geral do Município.

FISCALIZAÇÃO

O presidente da comissão, secretário Geraldo Tavares, informa que o grupo vai sugerir ao prefeito a implantação de cinco postos de fiscalização ambiental, com a presença próxima de policiais militares. Ou seja, a polícia também teria de ampliar seu trabalho na área. O parque possui área de 10 milhões de metros quadrados e dispõe hoje somente de um posto de fiscalização.

Se os postos de fiscalização forem agora instalados, será inevitável uma constatação: eles terão 12 anos de atraso e dificilmente conseguirão recuperar o tempo perdido. O decreto que criou o Parque da Lagoa e Dunas do Abaeté, sob número 5.969/80, durante a administração do prefeito Mário Kertész, exigia ações práticas e imediatas para proteção da área. Elas não foram adotadas.

Três anos depois, a comunidade já tinha noção exata do risco de comprometimento daquele

santuário ecológico. Cerca de 200 artistas e intelectuais assinaram, em janeiro de 1983, a Carta do Abaeté, um protesto contra a destruição gradual das dunas e da lagoa, que inspiraram versos de Caymmi. Nem mesmo o peso pesado de assinaturas, como as de Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Moraes Moreira, foi o bastante para modificar os rumos da equivocada utilização do local.

SOTERRAMENTO

Por muito tempo, carros foram lavados às margens da lagoa, assim como roupas, que exigiram sabão e muita água sanitária para ficarem limpas. Já houve época também em que, diariamente, cerca de 100 caminhões carregavam areia das dunas, uma operação condenada por estudiosos do assunto. Os especialistas estão convencidos de que a retirada da vegetação que reveste as dunas é um crime.

A vegetação jamais se recomporá e haverá movimentação da areia, provocada pelos ventos norte e noroeste, que atingem o litoral de Salvador. As dunas mais altas são barreira natural a esses ventos e, na ausência delas e da vegetação, a movimentação da areia poderá provocar também o soterramento da lagoa.

SEM-TETOS

As dificuldades para preser-

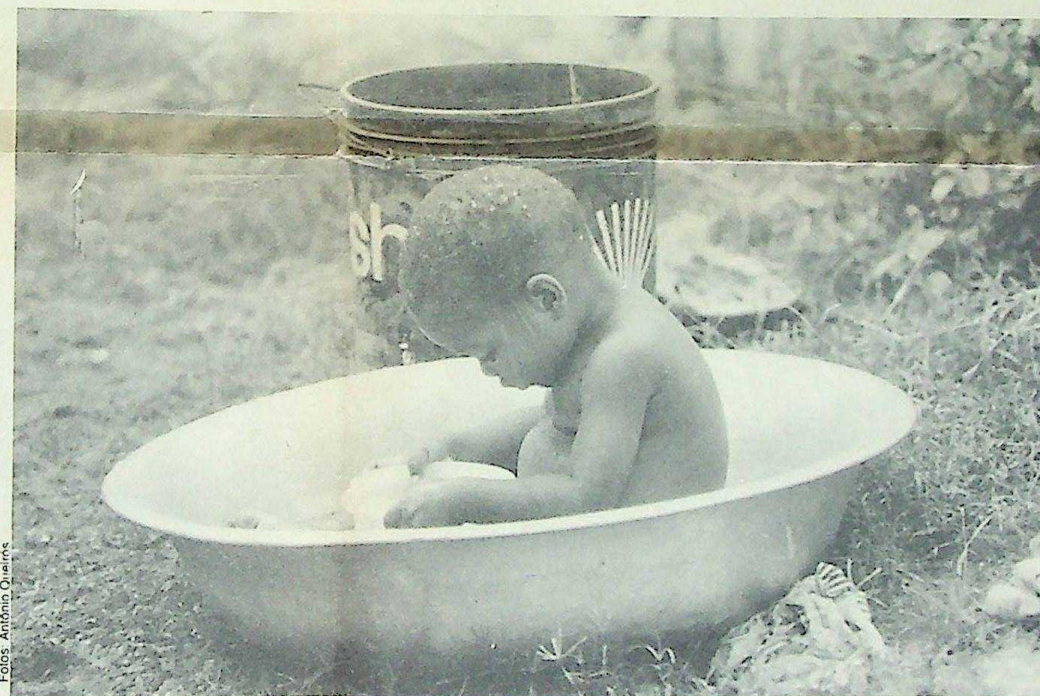


Foto: Antônio Queirós

Cerca de 400 famílias carentes dependem da terra e das águas do Abaeté

vação do Parque do Abaeté, no entanto, não exigem somente nova mentalidade ambientalista. Elas exigem um trabalho rápido e preciso no sentido de criar alternativas de moradia. A Secretaria da Ação Social constatou que 30 mil pessoas vivem na capital baiana sem teto em que se abriguem. A partir desta informação, é fácil entender por que as invasões no Abaeté crescem vertiginosamente. Estima-se que no

parque existam hoje cerca de cinco mil barracos.

Eles estão divididos em cinco grandes invasões, como Castelhinho, Olhos D'Água, Dunas, Contorno ou Nova Brasília e Invasão do Parque. Deste conjunto significativo de invasores, a prefeitura cadastrou 400 famílias e a comissão especial, presidida pelo secretário Geraldo Tavares, vai propor a relocação delas para outro lugar.

A idéia inicial, que inclusive chegou a ser divulgada, era transferir as famílias para lotes urbanizados da Prefeitura em Santo Ignácio, na Mata Escura. Depois, descobriu-se que não seria possível efetivar, porque aquela área se destina a outras famílias. A Secretaria de Terra e Habitação localizou então outra área, em Mussurunga IV, medindo cerca de 500 mil metros quadrados. O problema é que, por enquanto, não há infra-estrutura no local, nem água, nem energia elétrica.

REMOÇÃO

O secretário Geraldo Tavares diz que há um projeto de melhoria das condições da área, cuja execução permitirá que a prefeitura inicie então um trabalho de convencimento das famílias que estão no Abaeté, facilitando a remoção, para a nova área, do material utilizado pelos invasores, para erguer suas moradias.

Se a prefeitura urbanizar os lotes em Mussurunga IV, poderá até conseguir a transferência daquelas 400 famílias. Mas a problemática do Parque do Abaeté é muito maior, porque nos 12 anos de existência da área zoneada entre proteção rigorosa, interesse sócio-cultural, habitação restringida e proteção visual em dois níveis, as habitações irregulares se consolidaram. Quem mora ali costuma dizer que 60% das moradias são erguidas com tijolo e cimento.



Estima-se em cinco mil o número de barracos erguidos no parque

ABAETÉ

A lagoa vai secar

Não há dúvidas de que o Parque do Abaeté, com sua paradisíaca paisagem, tem acolhido centenas de sem-tetos, que levam para lá tábuas de madeirite e não precisam de muito espaço para solucionar a falta de moradia. É possível até encontrar um desses barracos à venda por Cr\$400 mil.

"COLARINHO BRANCO"

Mas inevitável é a indagação sobre o que fazer com os chamados invasores de "colarinho branco". Foram eles que consolidaram as invasões Olhos D'Água e do Contorno. O secretário Geraldo Tavares informa que a prefeitura reivindica na Justiça, há mais de 10 anos, uma área de 1 milhão e 366 mil metros quadrados, vendidos pela incorporadora Promor a partir de documentação falsa.

O processo estava parado e a prefeitura precisou solicitar a retomada do seu andamento. Até agora, portanto, não há qualquer perspectiva de solução da pendência judicial. Na certa, isto dará direitos de contestação a quem construiu sua casa de alvenaria há mais de 10 anos no parque, independente de isto ter sido feito de boa ou má-fé.

Além das construções erguidas há 10 anos, avançam sobre as dunas as casas de alvenaria recém-construídas, em vários padrões, das pequenas aos sobrados de dois pavimentos, com varanda e quintal. É no quintal, aliás, que se podem encontrar com facilidade pilhas de tijolos para futuras ampliações. Basta transitar entre ruelas e caminhos improvisados para ter a constatação do ritmo em que se constrói no Abaeté.

AMEAÇAS

A rapidez com a qual surgem novas moradias ali é testemunhada por Flordenice de Souza, 44 anos, 14 dos quais vividos a 200 metros da lagoa. Sozinha, ela cria cinco filhos num barraco de madeirite. "O tempo passou e nem assim eu pude construir minha casa de bloco", diz. Nesses 14 anos, nunca sobrou dinheiro para comprar blocos. Nice, como é conhecida ali, depende dos ganhos como lavadeira para alimentar a família. Os filhos maiores acabam trabalhando em barracas de praia para garantir alguma ajuda, mas é pouco para todos.

Com todas as dificuldades do seu dia-a-dia, Nice acabou se acostumando com a vida naquele lugar. Quando chegou ali, além do seu, havia mais quatro ou cinco barracos. Hoje, é impossível saber o total. Ela calcula em mais de 200, mas não sabe se isto é tudo. Tem apenas uma certeza: não quer sair dali de jeito nenhum. "Espero que desta vez, assim como das outras, eles falem muito e não façam nada", declara, referindo-se às inúmeras vezes que a prefeitura já ameaçou derrubar os barracos.

A baiana de acarajé Carmosina Santos, de 42 anos, duas filhas, conseguiu juntar dinheiro e substituiu o madeirite por cinco mil blocos. "Depois de tanto sacrifício para erguer esta casinha, espero que me deixem em paz".